



Recebido em 03/02/2022

Aceito em 26/07/2022

<https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i40.41826>

DOSSIÊ

Os Imigrantes Vão à Festa: Colonização, Germanidade e Memória

The Immigrants Go to the Party: Colonization, Germanity and Memory

Nathan Lermen

Universidade Federal de Santa Catarina

<https://orcid.org/0000-0002-2027-3298>

RESUMO: No início da década de 1950, cerca de 500 famílias refugiadas da Segunda Guerra chegaram ao Brasil com destino à região centro-sul do Estado do Paraná. Aproximadamente 2500 imigrantes suábios-danubianos, étnicos germânicos oriundos do leste europeu, foram com destino à cidade de Guarapuava, onde se estabeleceram na colônia agrícola de Entre Rios, localizada em um distrito homônimo. Passados 40 anos desde o assentamento dos primeiros imigrantes no território compreendido, uma comemoração foi organizada para homenagear as famílias suábias. Em 1992, foram realizados desfiles, ritos, degustações gastronômicas e apresentações de danças tipicamente suábias. A festividade foi documentada em dois periódicos comemorativos do Jornal Entre Rios, periódico bilingue (alemão-português) produzido e comercializado na região. Assim, o presente artigo explora e apresenta uma análise sobre as reportagens envolvendo a comemoração e sua importância para a construção da memória suábia.

PALAVRAS-CHAVE: Suábios. Festividade. História Rural.

ABSTRACT: At the beginning of the 1950s, around 500 refugee families from the Second World War arrived in Brazil, destined for the south-central region of the State of Paraná. Approximately 2500 Swabian-Danubian immigrants, ethnic Germans from Eastern Europe, went to the city of Guarapuava, where they settled in the agricultural colony of Entre Rios, located in a homonymous district. After 40 years since the settlement of the first immigrants in the territory included, a commemoration was organized to honor the Swabian families. In 1992, parades, rites, gastronomic tastings and performances of typical Swabian dances were held. The festivity was documented in two commemorative periodicals of Jornal Entre Rios, a bilingual (German-Portuguese) newspaper produced and sold in the region. Thus, this article explores and presents an analysis of the reports involving the commemoration and its importance for the construction of the Swabian memory.

KEYWORDS: Swabians. Festivity. Rural History.

Introdução

As festas e demais comemorações fornecem importantes indícios sobre o uso da memória no meio social. Esses eventos quando atrelados a determinantes étnicos revelam diferentes facetas sobre os aspectos culturais e as caracterizações do espaço em

que estes estiveram circunscritos. Os saberes individuais e coletivos tomam forma em culinárias, danças, apresentações musicais e teatrais, como também em discursividades que avivam as concepções identitárias desenvolvidas e modificadas ao longo do tempo. Esse processo pode ser identificado em festas de comunidades de imigrantes por todo o Brasil, como o caso dos descendentes de alemães na *Oktoberfest* de Blumenau (Santa Catarina) ou a Festa da Uva dos descendentes de italianos no entorno da cidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul) que comumente rememoram os movimentos migratórios e/ou a fundação destes locais. Conforme a historiadora Helenice Silva (2002):

[...] consagrando o universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa “rememoração” de acontecimentos passados, significações diversas para uso do presente. Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal (SILVA, 2002, p. 432).

Assim, essa rememoração de acontecimentos passados presentificam a história dessas comunidades e materializam determinada memória coletiva. Maurice Halbwachs (2008), ao considerar a memória como uma construção social influenciada pelo meio em que o indivíduo vive, ou seja, pelas relações que mantém com determinado grupo, entende que a memória está intrinsecamente ligada à coletividade e sua manutenção se deve aos mecanismos que este grupo fará para lembrá-la. Assim, cabe aos historiadores “a tarefa da apreensão da relação do presente da memória (de um acontecimento) e do passado histórico (desse acontecimento), em função da concepção de um futuro desse passado” (SILVA, 2002, p. 427). É em razão da memória que festividades e comemorações podem ser moldadas, como aquela a ser retratada no presente trabalho.

Em 1991, um grande evento marcou o quadragésimo ano dos suábios do Danúbio no Brasil. Imigrados no início da década de 1950, as famílias de origem étnica germânica se identificavam como tais já que “o elemento central de identificação deste grupo são as narrativas acerca do seu passado. Nelas, aparece o vínculo com a Alemanha em razão de seus antepassados serem oriundos do sudoeste deste país” (STEIN, 2010, p. 171). A identificação é um aspecto fundamental para compreender determinado grupo étnico, pois ela demarca suas características e é utilizada para reforçar, bem como estreitar os laços daqueles que o compõe.

Concentrando-nos naquilo que é socialmente efetivo, os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. Então, um traço fundamental [...], ou seja, a característica da auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente (BARTH, 1998, p. 193; 194).

Como apontado por Poutignat; Streiff-Fenart (2011, p. 71), os costumes e os comportamentos são utilizados como identificadores de um grupo e passíveis de duas divisões: uma primeira de sinais e signos que se manifestam e são apresentados pelo grupo de forma exteriorizada, como a utilização de determinado idioma, do vestuário e da arquitetura do local em que vivem; e uma segunda categoria que diz respeito às orientações de valores fundamentais, como as percepções de moralidade atreladas a um

grupo. Assim, quando determinadas minorias deixam de viver em suas colônias e se percebem inseridas em um território estranho, se obrigam a mobilizar coletivamente suas especificidades culturais sob objetivo de distinção. Desta maneira, a relação entre nós/eles é fundamental para determinar a composição de um grupo étnico, pois é na diferença que ele se molda e se contrasta com seu meio.

Imigração suábia-danubiana e estabelecimento no Brasil

A história da imigração envolvendo os suábios do Danúbio desponta desde meados do século XVIII, momento em que viviam em uma região que atualmente corresponde ao sudeste/sul da Alemanha. Neste período, foram incentivados pelo imperador Leopoldo da Áustria a ocupar uma região no sudeste da Europa que havia sido recuperada dos turcos pelas tropas do Império Austro-Húngaro. Segundo Stein (2011, p. 30), a maior parcela de suábios no leste europeu se encontrava nas regiões de Banat, Batschka e Baranja, regiões estas denominadas coletivamente como Vojvodina.

Após anos naquela região, novas configurações territoriais tomaram forma e os suábios se encontraram em meio a conflitos étnicos e políticos. O período após o fim da Primeira Guerra Mundial foi decisivo no âmbito de mudanças naquele local devido ao desmembramento do Império Austro-Húngaro e aos tratados que objetivavam a reorganização territorial que dividiram o grupo suábio entre três países: Romênia, Hungria e a Iugoslávia (constituída em 1929 a partir dos Reinos dos Croatas, Sérvios e Eslovenos). A referida reorganização trouxe consequências para a região, como um número expressivo de conflitos.

No caso da Iugoslávia, não se tratava somente de lutas de eslavos e húngaros nacionalistas contra populações de origem alemã, mas também de conflitos que envolviam croatas, eslovenos e sérvios. Portanto, a criação de novos países não solucionou os conflitos que contribuíram para a eclosão do conflito mundial. Pelo contrário, é neste contexto que se verifica a intensificação das lealdades nacionais e de organização e fortalecimento de grupos étnicos (STEIN, 2011, p. 31).

Já na Segunda Guerra Mundial, a Alemanha era inicialmente aliada à Iugoslávia assim como alguns de seus países vizinhos, porém o governo foi deposto por um golpe de Estado, realizado por oficiais contrários aos alemães (STEIN, 2011, p. 34). O acontecimento foi motivo para mais conflitos dentro do país e no ano de 1944, *partisans* sob liderança de Josip Broz Tito, venceram as tropas alemãs que estavam no território. Com a derrota alemã, muitos suábios que permaneceram no território foram presos, mortos ou enviados para campos de trabalho forçado na União Soviética.¹ Com o fim da guerra, a população suábia foi encaminhada e abrigada temporariamente em campos de refugiados na Áustria.

Em território austríaco, os suábios foram amparados pela Ajuda Suíça à Europa (*Schweizer Europahilfe*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) que objetivavam encontrar um novo local onde pudessem se estabelecer. O Brasil então se apresentou

¹ Sobre o caso Katharina Hech, prisioneira em um campo de trabalho, ver: Frotscher, Stein e Olinto (2014).

como uma possibilidade naquele período pós-Segunda Guerra, visto seu interesse em aumentar a produtividade agrícola nacional.² Depois de levantamentos sobre uma melhor região para abrigá-los, Guarapuava, no centro-sul do estado do Paraná, se despontou como uma opção. Em 1951, com uma série de acordos com o governo paranaense, cerca de 2500 suábios danubianos se estabeleceram no distrito de Entre Rios. Localizado a 20 quilômetros do referido município, os imigrantes foram coordenados pela Cooperativa Agrária e fundaram a colônia agrícola composta por cinco vilas: Vitória, Jordãozinho, Socorro, Samambaia e Cachoeira.

O comemorar da etnicidade

Em 1992, uma série de eventos ocorreram com o objetivo de homenagear os imigrantes que chegaram à região no início da década de 1950 e de rememorar alguns acontecimentos traçados na história do povo suábio. Nesse sentido, o presente trabalho desenvolve-se a partir da comemoração de 40 anos de imigração ocorrida entre 11 e 19 de janeiro de 1992, que contou com a presença de mais de 600 suábios oriundos de outros países, além de figuras políticas e representantes consulares.³ Foi nela que ocorreram inaugurações de alguns espaços dentro do distrito, além de modificações físicas da paisagem de Entre Rios, como as reformas nas vias de acesso com o intuito de facilitar a entrada dos convidados.⁴

As motivações sobre a comemoração giraram em torno de três aspectos singulares que diferiram das edições anteriores da festa. Em primeiro lugar, havia a consciência de que era necessário criar uma comemoração que colocasse os imigrantes, muitos com idades avançadas, em evidência dentro da comunidade, pois a referida festividade poderia ser a última que contaria com a presença de pessoas que participaram ativamente da fundação da colônia. Em segundo lugar, a comemoração também foi uma deixa para a apresentação de um novo modelo de desenvolvimento econômico baseado na grande propriedade de monocultura produtora de *commodities*, uma vez que em suas primeiras décadas de existência, a colônia havia passado por alguns períodos de prejuízo devido às safras que não deram certo, como o caso do arroz de sequeiro, trigo e batata. Somente durante a década de 1980 e início dos anos 1990, houve uma guinada produtiva graças à produção do malte e do óleo de soja, além do investimento para a expansão do moinho de trigo.⁵ Por fim, a festa foi a primeira comemoração após o fim da União Soviética, momento que influenciou o processo de desintegração do território

² As negociações entre o governo brasileiro e as instituições de ajuda humanitária podem ser conferidas em: Andrade (2005).

³ Todos os recortes das fontes utilizadas se encontram originalmente em alemão. As traduções, para a elaboração do artigo, foram realizadas pelo autor.

⁴ O turismo movimentou a economia da região, durante a comemoração um posto de câmbio foi colocado na cooperativa Agrária para facilitar o comércio. Nos dez dias de funcionamento, foram trocados 44.063,85 dólares e 16.777,00 marcos (moeda oficial da República Federal da Alemanha até 2002).

⁵ No início da década de 1990 a colônia também experimentou uma alta lucratividade com a produção do milho. Sobre as produções de Entre Rios, ver: MICHELZ (1989), GÄRTNER e PIRES (2011)

iugoslavo, moradia anterior dos suábios, que naquele momento passava por uma intensa guerra civil.⁶

Como aponta Hartog (2014), a queda do muro de Berlim (1989) representou o fim de qualquer possibilidade de uma revolução comunista, realidade que até então podia ser esperada. Partindo deste evento, o historiador francês observou uma mudança na maneira de se encarar o futuro no final do século XX, uma vez que a sociedade passou cada vez mais a perder as esperanças de um horizonte findado no progresso, o que gerou por consequência uma atenção para o tempo presente. O presentismo, termo utilizado por Hartog, se caracteriza por uma sensação de que tudo tem um fim e essa constante percepção tenta ser suprimida por meio do culto ao passado que busca realizar registros como forma de manter as memórias e evitar que estas se percam.

Memória tornou-se, em todo caso, o tempo mais abrangente: uma categoria meta-histórica, por vezes teológica. Pretendeu-se fazer memória de tudo e, no duelo entre a memória e a história, deu-se rapidamente vantagem à primeira, representada por este personagem, que se tornou central em nosso espaço público: a testemunha (HARTOG, 2014, p. 25).

A memória e a testemunha firmaram-se como elementos fundamentais para a construção identitária a partir deste período, e dentre as formas de uso da memória estão as comemorações. A festa da colônia foi corporificada em duas edições do *Jornal Entre Rios*, um periódico bilíngue português-alemão, fundado em 1986, sob objetivo de divulgar as principais notícias da colônia.⁷ Olinto e Stein (2020), identificaram algumas temáticas ligadas à linha editorial do periódico, como as notícias sobre agricultura, a importância de *Entre Rios* para o município de Guarapuava, a comemoração de um passado comum, a colônia e sua história, bem como descrições de acontecimentos na Alemanha e na Iugoslávia. Os autores levantam a hipótese de que o *Jornal Entre Rios* fora utilizado como um meio para intervir na memória do grupo através de seu conteúdo, ao articular sentidos historicizados para colonização e a superação dos traumas de guerra. Essa mesma articulação está presente nas edições sobre a festividade:

⁶ A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas teve seu fim em 1991, de acordo com Hobsbawm (2008, p. 458) o socialismo “enfrentava não apenas seus próprios problemas sistêmicos insolúveis, mas também, os de uma economia mundial mutante e problemática, na qual se achava cada vez mais integrado”. Com sua desintegração, foi criada a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) composta por 11 países do leste europeu.

⁷ Sobre um estudo das narrativas publicadas no referido jornal, ver: Olinto e Stein (2020).



Figura 1: Capa da edição nº 102 de 31 de janeiro de 1992 do Jornal de Entre Rios sobre a festividade.

No caso da primeira capa sobre a comemoração, oito fotografias da festividade estampam o periódico. Há a presença de um texto em uma fonte maior que apresenta o seguinte enunciado: “Suábios do Danúbio de todo mundo participam da festa” e logo abaixo, um subtítulo em alemão: “*Das Fest ist vorbei: die Erinnerung bleibt*”, em tradução livre, “A festa terminou: a memória permanece”.



Figura 2: Capa da edição nº Especial de 08 de junho de 1992 do Jornal de Entre Rios.

A memória da festividade está corporificada no periódico, assim como em sua segunda edição publicada seis meses depois. A edição colorida possui uma marca no

canto superior esquerdo que aponta “documento”, indicando que a publicação foi elaborada com o intuito de servir de amparo e registro da comemoração para as gerações futuras. A escolha por uma segunda tiragem, conforme o então presidente da Cooperativa Agrária, Mathias Leh, foi pela popularidade que a comemoração teve naquele ano e na repercussão da festa em todos os jornais da região. Assim, optou-se por criar o volume especial com um espaço às cartas de congratulações recebidas na sede jornal e à programação detalhada daquela semana de janeiro (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 06).

A festa havia sido elaborada para ocorrer em 2002 no aniversário de cinquenta anos da comunidade, mas a partir da preocupação em relação à idade avançada dos primeiros imigrantes, a comemoração foi adiantada em dez anos. Um dos eventos da semana festiva foi o desfile que contou com cerca de quarenta veículos que apresentavam a história dos suábios desde a emigração de Ulm, na Suábia (hoje, Baden-Württemberg) até o estabelecimento na região balcânica e a posterior expulsão do território em meados do século XX. O refúgio na Áustria, a imigração para o Brasil e a chegada em Entre Rios também foram apresentados.



Figura 1: *Die Eröffnung des Festumzuges* - A abertura do desfile. JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 15.

O desfile abordou cerca de três séculos da história dos suábios e tiveram como espectadores vários convidados, como o ministro da embaixada alemã, Dr. Von Hallensleben, o representante da embaixada da Áustria, Hernz Brezovski e o representante da embaixada suíça, Kurtz Kunz. Posterior ao toque dos hinos nacionais da Alemanha, Áustria, Suíça e Brasil, os três representantes abriram o desfile com discursos sobre a comunidade e a história suábica:

Dr. Von Hallensleben, destacou a situação da atual Iugoslávia. “Estão destruindo as antigas terras dos suábios do Danúbio, em contraste com o que os suábios do Danúbio estão construindo em Entre Rios”. [...] Hernz Brezovski, por sua vez, lembrou os antigos laços de amizade, reforçados após a guerra, quando os suábios do Danúbio foram abrigados em barracões [...] Kurtz Kunz, agradecendo a cooperação e generosidade do governo brasileiro, quando acolheu os refugiados como imigrantes (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 15).

O cônsul alemão fez clara referência à Guerra Civil Iugoslava, que teve início no ano anterior à comemoração, em 1991. O fim da década de 1980 e início da década de 1990, foi marcado por fortes mudanças na geopolítica do leste da Europa, pois com o fim das repúblicas socialistas, a antiga Iugoslávia passou por uma série de conflitos internos motivados por disputas étnicas e territoriais. Disputas que duraram 10 anos e acarretaram na fragmentação do território em novos estados nacionais. No discurso de Hallensleben, é possível perceber a comparação entre os dois lugares, colocando o distrito de Entre Rios como um local vantajoso e em pleno desenvolvimento, que não sofria pelos conflitos de um país que em seu passado expulsou os suábios de suas terras.⁸ Hernz Brezovski se referiu à época que os suábios estavam refugiados na Áustria, já Kurt Kunz, como representante suíço, fez alusão ao órgão humanitário daquele país que esteve envolvido com os trâmites financeiros para o estabelecimento dos suábios no Brasil.

Além destes, Roberto Requião e Fernando Ribas Carli, governador do Paraná e prefeito de Guarapuava respectivamente, estiveram presentes. Carli apontou em seu discurso que “[...] o segredo dos suábios do Danúbio está na preocupação com a preservação cultural” (Jornal de **Entre Rios**. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 15), como se a prosperidade lucrativa experimentada até então fosse consequência de fatores étnicos e não de mudanças econômicas e investimentos variados da produção agrícola no local.

Não só ficaram profundamente tocados quando as imagens do passado passaram por eles. [...] A reconstrução na Áustria, seguida da emigração para o Brasil, o desenvolvimento do assentamento se transformou em um verdadeiro desfile de vitória: maquinário agrícola de última geração, produtos agrícolas e industriais do assentamento mostraram o estado da arte e o uso de todos para o bem comum. (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 31 de janeiro de 1992, p. 11).

Um outro político que estava na comemoração, era o então prefeito de Gosheim - município em Tuttlingen, Baden-Württemberg. Algumas famílias suábias reemigraram para a Europa ainda na década de 1950, e um dos principais destinos foi a cidade de Gosheim. Uma das hipóteses apontadas pelo professor húngaro Arpad Szilvassy, em seu estudo sobre comunidades de imigrantes no Estado do Paraná, é a de que:

[...] certamente as causas psicológicas são mais interessantes para o estudo da reemigração. Cada um deles tem uma experiência pessoal bem diferente, isto é, ele ainda não digeriu os abalos psicológicos sofridos em consequência da guerra (SZILVASSY, 1965, p.8).

Enquanto Szilvassy faz menção aos traumas ocasionados pela guerra, Stein (2011, p. 126) indica que uma das possibilidades para esse retorno à Europa se deu pelos problemas de safra e pelo parcelamento das terras que foram distribuídas entre as famílias dos imigrantes de forma desigual. Algumas destas venderam o que tinham e saíram de Entre Rios.

No dia 14 de janeiro daquele ano, os novos moinhos de trigo e centeio foram inaugurados a partir de um projeto de diversificação de produção feito pela Cooperativa

⁸ Sobre o conflito na Iugoslávia, ver: BRENER (1993).

Agrária. Neste momento da década de 1990, a Agrária passava por uma forte industrialização e a intenção do desfile foi além da representação da história suábica, pois apresentara aos que estavam lá, todo o desenvolvimento e investimento dos maquinários dentro da comunidade.⁹ Durante a referida semana de 1992, a cooperativa também aproveitou para inaugurar no distrito um projeto habitacional de 80 moradias para trabalhadores da cooperativa devido à sua expansão e a demanda por novos funcionários.

A semana contou com degustações gastronômicas dos principais pratos e sobremesas dos suábios, bem como apresentações do coral com músicas que abordavam “a história dos suábios do Danúbio, a chegada ao terminal ferroviário Goes Artigas, o tempo de construção em Entre Rios com lazer e trabalho, o período presente com o cuidado dos costumes antigos, como quermesses e casamentos” (JORNAL DE ENTRE RIOS: Guarapuava: 31 de janeiro de 1992. p. 10). Após a apresentação de músicas folclóricas alemãs e brasileiras, a noite se encerrou com os agradecimentos de alguns dos convidados, como o Prof. Dr. Karl Ilg, um etnólogo de língua alemã. Aliás, a língua alemã se firmou como um elemento identitário fundamental para o grupo suábico, pois a migração deste povo não se restringiu apenas ao Brasil, países como Argentina, Austrália, Áustria, Canadá e Estados Unidos também contaram com a presença do grupo étnico em seus territórios.

Naturais destes locais vieram para a comemoração em Entre Rios e naquela semana uma reunião foi feita para discutir a chamada “questão da assimilação” com os representantes de suas comunidades. A historiadora e antropóloga Giralda Seyferth se dedicou em um de seus trabalhos a estudar o fenômeno da assimilação, termo comumente utilizado para explicar “as mudanças sociais e culturais decorrentes da interação de diferentes grupos minoritários numa sociedade nacional” (SEYFERTH, 2000, p.7). Contextualizando historicamente a utilização do termo, a autora aponta que seu uso se iniciou com a sociologia americana nas primeiras décadas do século XX com a definição primária de Edward Park:

Park refere-se à assimilação como ‘nome dado aos processos pelos quais povos de diversas origens raciais e diferentes heranças culturais, ocupando um território comum, adquirem uma solidariedade cultural suficiente para sustentar uma existência nacional.’ Considera-o um conceito mais político do que sociológico - possivelmente dadas as implicações em termos da formação do Estado-nação - e um processo difícil de mensurar empiricamente (SEYFERTH, 2000, p. 8).

Havia uma preocupação geral em relação ao fato de que as gerações mais novas de suábios estariam fundindo-se ao meio cultural de seus países de residência. Emílio Willems (1980), atribui à aculturação, as mudanças e as permanências envolvendo sistemas econômicos, religiosos e sociais (como o matrimônio) que podem ser analisados a partir de aspectos culturais. Conforme Voigt (2007, p. 192), em Willems o estudo da

⁹ Com a reemigração de muitos suábios, a comunidade passou a investir na produção de trigo e soja. Este tipo de produção degradou partes do solo e a alternativa foi o investimento no cultivo da cevada e aveia, entretanto o mercado não conseguiu reter esse tipo de produção. A saída se deu em um projeto de industrialização que acabou na produção de óleo de soja e na abertura dos moinhos, da maltaria e da fábrica de rações, ver mais em: GÄRTNER e PIRES (2011).

aculturação é fundamental para compreender o grau de assimilação do imigrante e descendente "de modo que um dos fatores mais relevantes para o autor na análise da aculturação está na 'língua realmente falada' e nas suas transformações lingüísticas, oriundas do contato entre o idioma do país de origem e o idioma do país adotivo." Essa assimilação, vista como problema pela comunidade suábica, teve como saída a necessidade dos governos austríaco e alemão apoiarem financeiramente a comunidade.

Naturalmente, a questão da assimilação estava no centro da discussão, pois representa um desafio sociológico. [...] Prevalece principalmente entre as gerações mais velhas, aquelas que estão agora com seus 50 e 60 anos que os jovens suábios do Danúbio estão, por razões óbvias, em risco de perder a cultura que recebem (Jornal de **Entre Rios**. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 20).

O presidente da Associação Mundial dos Suábios, Christian Brücker, afirmou em discurso que uma das medidas que a organização poderia tomar para contribuir para a resolução da problemática, seria estreitar relações com o Instituto Goethe – uma das mais reconhecidas instituições de ensino de cultura e língua alemã – numa tentativa da geração mais nova aprender o idioma de seus familiares e assim, de alguma maneira, reforçar uma das principais características do grupo que é o uso desta língua.

Ritos, inaugurações e reorganizações

Um dos eventos dentro da comemoração foi a *Wallfahrt*, uma procissão que ocorre a cada ano dentro do distrito. Para abrir a notícia sobre o ocorrido, a seguinte citação: "O valor de um povo se manifesta na medida que honra seus mortos" (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 31 de janeiro de 1992, p. 06.) A *Wallfahrt* objetiva lembrar simbolicamente os suábios mortos em campos de trabalho forçado no leste da Europa e se desenvolve nas cinco vilas de Entre Rios em um trajeto que se inicia na igreja de Samambaia e termina em uma capela localizada próximo à Jordãozinho.¹⁰ Christian Brücker, então presidente da Associação Mundial dos Suábios do Danúbio, em discurso de abertura à procissão, mencionou que "os mortos fazem parte do nosso povo, da nossa comunidade, não os esquecemos, comemoramos todos os mortos no velho e no novo lar" (JORNAL DE ENTRE RIOS: Guarapuava: 08 de junho de 1992. p. 18). A notícia também aponta que a procissão demonstra a "*Geschichtsbewusstsein*" (consciência histórica) dos suábios em lembrar de seus mortos. Sobre a procissão:

Ao chegarem na capela, a missa foi celebrada pelo Padre Julius Müller Dimmler, juntamente com o prelado Niessen, de Buenos Aires. Toda a cerimônia foi dedicada aos mortos nos campos de concentração, e ao agradecimento da prosperidade conseguida pelas cinco comunidades de Entre Rios (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 19).

O Presidente da DAG – Associação dos Suábios do Danúbio na Áustria, Sr. Rudolf Reimann encerrou a cerimônia afirmando:

Diga-me onde estão os amigos, diga-me onde estão os túmulos. O vento sopra sobre eles. Muitos mortos estão em algum lugar em terra estranha, não sabemos

¹⁰ A procissão conta com sete cruzeiros, representando os campos de extermínio do leste europeu onde muitos suábios morreram: Krndija, Tenje, Rudolfsgnad, Gakovo, Krusevlje, Jarek e Werbass.

onde. Por eles e pelos mortos dos campos de extermínio, só podemos colocar simbolicamente uma coroa de flores aqui fora de nossa casa e acender uma vela (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 19).

A *Wallfahrt* teve sua origem a partir de uma promessa feita ainda na Áustria do grupo para um padre. De acordo com Stein (2011, p. 178), a procissão funciona como um elo coletivo de identificação do suábio com a religiosidade cristã partindo do pressuposto do mito, como formalização de determinada representação. Tem-se então, uma experiência vivida por um grupo pequeno de pessoas que é partilhado para toda a comunidade e se firma como elo para o sujeito coletivo suábio.

Ao fim daquela semana, um dos principais discursos durante a comemoração foi o do então presidente da Cooperativa Agrária, Mathias Leh. O discurso intitulado “*Wir sind anders*” (Nós somos diferentes), título que faz referência ao fato dos suábios serem de origem germânica, tomou duas páginas da edição, e nele Leh apresentou sua trajetória de vida desde o momento de fuga de sua terra natal:

O que sente um homem colocado no centro das atenções pelo destino quando olha para sua própria vida, conscientemente partindo de suas origens como um menino na Eslavônia, onde provavelmente ainda havia um espírito colono em casa? Deixe-me traçar esse caminho uma vez: eu estava em um dos chamados novos assentamentos que haviam sido construídos no começo do século. E eu vi lá que nosso povo é diferente. Eu tive que viver de uma maneira trágica. Foi a guerra, e essa guerra me ensinou quando criança que a vida também acaba (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 24).

Segundo Hartog (2011, p. 204), a testemunha é entendida como uma portadora de memória que “impôs-se, gradualmente, em nosso espaço público; ela é reconhecida e procurada, além de estar presente e, até mesmo, à primeira vista, onipresente”. A testemunha como portadora se firma como uma autoridade sobre o que ocorreu, sendo que neste caso, Mathias Leh é o porta-voz das experiências que traduzem toda a narrativa histórica do grupo suábio.

Além de discursos como os de Leh, que rememoram as experiências traumáticas de guerra e de imigração, a comemoração também serviu para inaugurar alguns novos locais dentro do distrito. O Centro Cultural foi inaugurado com o objetivo de incentivar as apresentações culturais dos suábios, como aquelas de música e de dança. Além do centro, um novo hospital foi aberto e o Museu Histórico de Entre Rios foi reinaugurado com uma exposição de diversas fotografias dos suábios que apresentavam a Europa, o refúgio e a colonização no distrito. A importância da constituição deste tipo de lugar para uma fixação da narrativa comemorativa pode ser compreendida à luz de Pierre Nora, pois a memória:

[...] é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas formações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (NORA, 1993, p. 9).

Assim, ao abordar *lugares de memória*, como locais em que a memória se encontra estagnada, o Museu de Entre Rios funciona como um abrigo para a história dos suábios, onde autoriza sua narrativa e a sua repetição. Foi, inclusive, no mesmo dia da reinauguração do museu que as vias da comunidade foram renomeadas conforme

referência aos lugares e pessoas que de alguma forma fizeram parte da história da comunidade: “foi uma forma encontrada pelos organizadores do programa de festividades para manter viva a memória daqueles que construíram de modo decisivo para o sucesso da colonização dos imigrantes” (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 37). Sobre nomeações de ruas, Dias (2000) nos mostra que:

Um olhar atento constata que esse processo é caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional e local. Trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial, baseada no culto à genealogia e edificação do Estado nacional, assim como aos fatos e personagens correspondentes (DIAS, 2000, p. 103).

É o momento da comemoração em que a nostalgia e a intenção da valorização do passado suábico é transposto para uma das principais características estruturais de uma comunidade ou cidade, suas ruas. Nelas, a memória coletiva toma corpo nas nomeações que remetem à história da construção do local. Uma oportunidade de delimitar e demarcar o espaço suábico com denominações que caracterizam todo o grupo, transparece em uma das falas de Zehr, representante de uma das vilas, ao dizer em discurso que “quando um povo, por causa da brutalidade da guerra, tem de deixar sua terra natal, esse povo enfrenta o desafio imenso de preservar não só a sua cultura, mas também sua própria esperança” (JORNAL DE ENTRE RIOS. Guarapuava: 08 de junho de 1992, p. 37). As nomeações começaram pela vila Vitória, com a denominação da Avenida Paraná, como forma de homenagear o Estado onde os suábios tiveram a oportunidade de reconstruir suas vidas. Ao longo da semana, novas ruas foram nomeadas nas cinco localidades de Entre Rios, como o caso da Avenida dos Suábios, Avenida Pe. Franz Kasper e a Avenida Rastatt em homenagem à cidade localizada em Baden-Württemberg que há pouco tinha se tornado irmã de Guarapuava.

Estas sucessões de eventos dentro da comemoração podem indicar alguns apontamentos sobre o distrito de Entre Rios. Abordar a comunidade suábica é se referir a memória como alicerce da comunidade em muitos momentos, por isso se faz necessário um estudo sobre essas relações memoriais e os sentidos da comemoração. Jan Assmann ao trabalhar com o conceito de memória comunicativa e memória cultural, comenta que esta última:

[...] é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural. Halbwachs, todavia, o inventor do termo “memória coletiva”, foi cuidadoso em manter seu conceito de memória coletiva à parte do campo das tradições, transmissões e transferências, que nós propomos incluir no termo “memória cultural”. Preservamos a distinção de Halbwachs, dividindo esse conceito de memória coletiva em “memória comunicativa” e “memória cultural” (ASSMANN, 2016, p. 118).

A memória cultural é exteriorizada e engloba uma série de elementos e coisas que “carregam as memórias de que as investimos, como louças, festas, ritos, imagens, histórias e outros textos, paisagens e outros *lieux de mémoire*” (ASSMANN, 2016, p. 119). Esses materiais que emanam memória, como as roupas típicas germânicas e objetos do museu de Entre Rios, são diferentes daquilo que o autor compreende por memória comunicativa, pois ela é um tipo de memória de curta geração em que os

indivíduos recorrem ao passado a partir de sua presentificação. O desfile, que retrata a trajetória histórica e de vida dos suábios, exemplifica esse caso, pois trouxe para a comemoração uma série de representações de momentos vividos por gerações passadas e por algumas pessoas que estavam presenciando aquela comemoração. É nesse sentido que a comemoração de imigração se apresenta como forma de manutenção dessa identificação através de todos os eventos culturais, como as danças que ocorreram no Centro Cultural, o próprio desfile histórico e a procissão que reforçam a singularidade da história dos suábios e os unem como um todo.

Algumas considerações

A grande comemoração de imigração de 1992 teve por objetivo valorizar o trabalho feito pelos primeiros imigrantes suábios no distrito, de rememorar e levar para as gerações mais novas a história de seus antepassados. Envoltos por questões políticas e econômicas, a comemoração não foi somente um espaço para a sociabilidade e confraternização, mas também um momento de enaltecer o sucesso econômico da colônia que estava se industrializando.

A semana festiva de comemoração dos 40 anos de estabelecimento dos suábios no Brasil teve seu objetivo ligado com a necessidade de trazer ao presente, a história daqueles que construíram a comunidade. Objetivo embasado no receio e na preocupação com as idades avançadas dos primeiros imigrantes, uma vez que para os organizadores havia o risco de uma possível perda das características culturais da comunidade sem aqueles que testemunharam a guerra e presenciaram a fundação da colônia.

As apresentações de dança, música e a culinária típica serviram como um fator de delimitação para identificação do grupo, e apesar dos diferentes eventos dentro da comemoração, desde a procissão até a inauguração de novos espaços, percebe-se que todos tinham por detrás uma função mais profunda que buscava a memória para criar e reforçar os elos identitários.

Referências:

ANDRADE, José Fischel de. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 48, n. 1, p. 60-96, 2005.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998. P. 185-227.

BRENER, Jaime. *Tragédia na Iugoslávia*. Guerra e Nacionalismo no Leste Europeu. São Paulo: Atual, 1993.

DIAS, Reginaldo Benedito. *A história além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e Memória histórica*. *História & Ensino*, Londrina, v. 6, p. 103-120, out. 2000.

FROTSCHER, Méri; STEIN, Marcos Nestor; OLINTO, Beatriz Anselmo. Memória, ressentimento e politização do trauma: narrativas da II Guerra Mundial (Suábios do Danúbio de Entre Rios, Guarapuava-PR). *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-26, 2014.

GÄRTNER, Monique; PIRES, Ariel José. História, memória e identidade; considerações acerca da ocupação na região de Entre Rios feita pelos suábios do Danúbio no Paraná (1951-1971). *TEL Tempo, Espaço e Linguagem*, p. 54-66, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*, Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo horizonte: autêntica, 2014

HOBSBAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia da Letras, 2008.

Jornal de Entre Rios. Guarapuava: 31 de janeiro de 1992.

Jornal de Entre Rios. Guarapuava: 08 de junho de 1992.

MICHELZ, Johana Elizabeth. *Campesinato X Agricultura Capitalista em Entre Rios – 1951 a 1985*. Monografia. Guarapuava: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciência e Letras de Guarapuava, 1989.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, dez. 1993.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

SEYFERTH Giralda. Assimilação dos Imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático. In: *XXIV Encontro Anual da ANPOCS*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Petrópolis, 2000.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002

STEIN, Marcos Nestor. *O Oitavo Dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios –PR (segunda metade do século XX)*. Guarapuava: Unicentro, 2011.

STEIN, Marcos Nestor; OLINTO, Beatriz Anselmo. O velho oeste transforma-se num celeiro agrícola: imprensa, colonização e historicidade entre refugiados da Segunda Guerra no Brasil (Guarapuava/PR). *Estudos Ibero-Americanos*, v. 46, n. 2, p. 1-17, 2020.

SZILVASSY, Arpad. *Aspectos Gerais da Colonização Comunitária Européia no Paraná*. São Paulo: 1965. Mimeo.

VOIGT, A. F.. Emílio Willems e a invenção do teuto-brasileiro, entre a aculturação e a assimilação (1940-1946). *História. Questões e Debates*, v. 46, p. 189-201, 2007.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.